

REVISTA ADVENTISTA

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

— Carta do Presidente da Divisão

Pág. 3

— A Igreja Mundial, a Bíblia e o
Dízimo

Pág. 4

A Benção das Reuniões de Oração

Tem-se dito que a verdadeira condição espiritual de uma igreja pode ser aferida pela reunião de oração. Os membros de igreja podem assistir aos cultos de fim de semana porque é fácil fazê-lo, porque se espera um mínimo de participação, porque ali se encontram com amigos, porque esperam um sermão eloquente, ou por causa da música. Mas o único atractivo para uma reunião de oração é o desejo de se encontrar e comunicar com Deus e de ter uma mais estreita comunhão espiritual com os irmãos.

O culto de Sábado é um culto em que o homem se aproxima do trono da divindade em nome de todos. A reunião de oração é um culto em que todos, ou muitos, podem ter o privilégio de falar com Deus, cada um por sua vez. O culto de Sábado é um culto em que um homem, o pregador, tem uma mensagem para a congregação. O culto social é um culto em que cada um que a ele assiste pode ter uma mensagem para a edificação de todos.

«Qual o fim pròpriamente dito da reunião de oração?» pergunta Ellen G. White. Ela própria responde: «Reunimo-nos para mutuamente nos edificarmos com a permuta de ideias e sentimentos; para obtermos força, luz e coragem pela consideração de nossas esperanças e aspirações comuns; para haurirmos novas forças e vigor da Fonte de poder mediante orações feitas com fervor e devoção. Essas reuniões devem, pois, ser ocasiões sumamente preciosas e tornar-se atraentes a todos os que tomem prazer nas coisas religiosas.» — *Testemunhos Selectos*, vol. 1, pág. 274.

Todos os verdadeiros cristãos anseiam por uma mais íntima comunhão com Jesus e com os seus irmãos e irmãs na fé. E que outra reunião da igreja se presta melhor à obtenção desta experiência do que a reunião de oração?

Encontramos casualmente certos membros durante outros serviços e funções da

igreja e pensamos que talvez sejam cristãos equilibrados e vitoriosos sem quaisquer grandes problemas espirituais. É só quando nos encontramos em terreno comum por ocasião de reuniões sociais em que se visam os objectivos sugeridos pela Sr.^a White que começamos a vê-los como realmente são: seres humanos vulneráveis e necessitados, sujeitos às mesmas paixões que nós, em busca de encorajamento, ansiando por mais fé e esperança e força para prosseguir na jornada da vida; necessitando de compreender que as suas lutas não são únicas, e de ter uma vez mais a certeza de que como os outros estão recebendo auxílio de Jesus, também eles o podem receber.

Como revigora o coração ouvir um outro irmão ou irmã, também em luta dizer: «Agradeço a Deus pelas vitórias que me deu!» Como a nossa fé é fortalecida ao ouvirmos alguém relatar o que Deus tem feito por ele! Como nós próprios nos sentimos abraçados, com nova coragem fluindo em nossas almas, ao ouvirmos outrem expressando fervorosa determinação de prosseguir!

Há alguns anos, um pregador de êxito, Teodoro L. Cuyler, sugeriu três regras para uma boa reunião de oração.

Em primeiro lugar, deve haver uma atmosfera de liberdade. A reunião deve ser «tão semelhante quanto possível a um círculo de uma família cristã. Isto significa informalidade, embora, naturalmente, sem desordem. «Um círculo de oração da igreja é uma reunião *familiar* do rebanho de Cristo», diz ele. «A rigidez é fatal para a sua liberdade e amor cristão.»

Em segundo lugar, cada pessoa que assiste à reunião de oração deve preparar-se com antecedência para tomar parte, sugere o Sr. Cuyler. Em adição aos preparativos feitos pelo dirigente, os outros deviam entesourar algum rico pensamento, ou vir

(Continua na pág. 19)

SUMÁRIO

A Bênção das reuniões da oração
Excursões aos sábados
Carta do Presidente da Divisão
A igreja mundial, a bíblia e o dízimo
Comer entre as refeições
Através do mundo adventista
A obra das publicações estende-se até à África equatorial
História do mês
A igreja Franco-Portuguesa de Englefontaine
Salmo 43
Notícias do campo

JULHO 1971

ANO XXXII

N.º 298

Director e Editor:
ERNESTO FERREIRA

Administrador:
D. S. R. VASCO

Corpo de Redacção:
A. CASACA, O. COSTA,
A. ECHEVARRIA, M. LARANJEIRA e A. C. LOPES

Proprietária:
PUBLICADORA ATLANTICO
S. A. R. L.

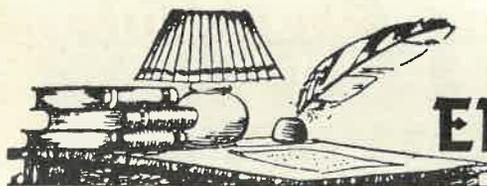
Redacção:
R. JOAQUIM BONIFACIO, 17
L I S B O A

Administração:
RUA JOAQUIM DIAS SOUSA
RIBEIRO, LOTE 18, 1.º
S A C A V É M

Composto e impresso na
TIP. ANTUNES & AMILCAR, LDA.
Alam. D. Af. Henriques, 1-C—Lisboa

Assinatura anual: 40\$00

Número avulso: 4\$00



Página
EDITORIAL

Excursões aos Sábados

Em nossos dias viaja-se muito, e por isso não é de admirar que se façam viagens, e até excursões, ao Sábado. É pois com razão que muitos membros perguntam até que ponto essas viagens são lícitas à luz da Palavra de Deus e do Espírito de Profecia.

Sem dúvida que tem alguma aplicação a certas viagens em dia de Sábado o texto de Isaías 58:13, 14: «Se desviares o teu pé do Sábado, e de fazer a tua vontade no Meu santo dia, e se chamares ao Sábado deleitoso, e santo dia do Senhor digno de honra, e o honrares não seguindo os teus caminhos, nem pretendendo fazer a tua própria vontade, nem falar as tuas próprias palavras, então te deleitarás no Senhor, e te farei cavalgar sobre as alturas da terra, e te sustentarei com a herança de teu pai Jacob porque a boca do Senhor o disse.»

Por outro lado, lemos em Testemunhos Selectos, vol. III, pág. 26: «Se desejamos a bênção prometida aos obedientes, devemos observar mais estritamente o Sábado. Temo que muitas vezes empreendamos nesse dia viagens que bem poderiam ser evitadas. De conformidade com a luz que o Senhor nos tem concedido em relação com a observância do Sábado, devemos ser mais escrupulosos quanto a viagens nesse dia, por terra ou mar. A esse respeito devemos dar às crianças e jovens bom exemplo. Para ir à igreja, que requer a nossa cooperação ou à qual devemos transmitir a mensagem que Deus lhes destina, pode tornar-se necessário viajar no Sábado; mas sempre que possível devemos, no dia anterior, comprar a passagem e tomar todas as disposições neces-

sárias. Quando emprendermos a viagem, devemos esforçar-nos o mais possível por evitar que o dia da chegada ao destino coincida com o Sábado.

«Quando obrigados a viajar no Sábado, cumpre evitarmos a companhia dos que procuram atraí-los a atenção para as coisas seculares. Devemos ter a mente concentrada em Deus e com Ele entreter comunhão.»

Perante estes textos é evidente que deviam ser evitadas muitas viagens, e sobretudo excursões, que se fazem em dia de Sábado. Mas é também evidente que certas viagens para ir à igreja, ou para visitar doentes, ou para fazer trabalho missionário, ou para passar uns momentos agradáveis em contacto com a Natureza e com Deus, estão perfeitamente em ordem, desde que não desviem as nossas mentes do espírito do Sábado e as não dirijam para as coisas mundanas.

Onde deve ser traçada a linha divisória entre o que está bem e o que não está?

Embora não possamos hoje limitar «a distância do caminho de um Sábado» (Act. 1:12) aos escassos metros ou quilómetros estabelecidos pela tradição judaica, parece claro que devíamos evitar viagens tão longas que tomem grande parte, para não dizer a maior parte, das horas do Sábado. E isso é sobretudo evidente quando tais viagens não têm uma finalidade própria do espírito sabático ou são feitas na companhia de descrentes.

No entanto, não existe uma casuística adventista, devendo cada um decidir de acordo com a própria consciência e com os dados da Revelação.

E. Ferreira

Carta do Presidente da Divisão



Prezados Irmãos:

Encontro-me aqui em Dogba, ao Norte dos Camarões, com uma jovem família missionária que deixou a sua terra natal na Europa para trazer o evangelho a esta área isolada dos Camarões do Norte. Gostaria que pudésseis constatar o excelente trabalho que estão a fazer e que observásseis o seu espírito altruista.

Eles dirigem o programa de evangelização do distrito, que tem 700 membros baptizados. Deus abençoou os seus esforços com mais de 100 baptismos no ano passado. Dirigem ainda uma escola primária com 150 alunos, e a esposa, que é enfermeira, encontrou tempo para ajudar a dar à luz 49 bebés durante 1970 além do seu trabalho normal no Dispensário de Dogba.

A missão de Dogba está localizada a cinquenta quilómetros do médico mais próximo e a vinte e cinco quilómetros do correio. Não possui electricidade. Mas apesar da falta do equipamento moderno estes jovens sentem-se felizes no serviço para o Senhor.

Não há muitos anos havia o problema dos animais selvagens em Dogba. A hiena descia a montanha e por vezes roubava os bebés. Embora ainda hoje exista perigo, os nossos missionários não estão com receio. A sua experiência é de confiança e coragem.

Este casal exemplifica muito bem o que Paulo diz ao seu filho espiritual Timóteo, acerca das qualidades que um ministro devia possuir: «Porque Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, e de amor, e de moderação» (2 Tim. 1:7). O espírito de temor nunca deve ser encontrado no coração dos seguidores de Cristo. Deve sim possuir um espírito de coragem, coragem resultante de uma consciência contínua da presença de Cristo. Sabendo que Deus está a dirigir, um filho Seu recusará desanimar. O Seu espírito será destemido, porque a sua fé é forte.

A segunda qualidade, um espírito de fortaleza, é positivamente um dom do Espírito Santo. Fortaleza para ganhar a vitória sobre o pecado. Fortaleza para viver uma vida cristocêntrica. Fortaleza para fazer face a

responsabilidades tremendas. Fortaleza para percorrer um longo e árduo caminho em busca de almas. Fortaleza para proferir palavras que transformem vidas. Fortaleza para levar outros a Jesus.

A última qualidade mencionada é o espírito de moderação, ou a habilidade de se controlar diante do pânico ou da paixão. Apenas Cristo pode dar a frágeis seres humanos o domínio próprio, a disciplina própria, que resultarão num espírito de moderação e num clarividente raciocínio.

Encontramos registada no Antigo Testamento uma experiência que salienta estas mesmas virtudes mencionadas por Paulo. No sétimo capítulo de Juizes está relatada a história da vitória de Israel sobre os midianitas. Deus escolheu a Gedeão para dirigir o Seu exército para a batalha e deu-lhe provas claras do seu chamado. Em resposta aos apelos de Gedeão, 32.000 homens foram alistados no exército. O Senhor viu que muitos desses homens tinham medo e não tinham fé. Por causa do número atribuíram a vitória a si próprios em vez de darem honra a Deus. Instado pelo Senhor, Gedeão anunciou: «Quem tiver receio pode voltar para suas casas.» Com coração pesado viu 22.000, mais de dois terços das suas forças, a voltar para trás. De novo o Senhor deu instruções a Gedeão para pôr o seu exército à prova a fim de determinar quem era verdadeiramente corajoso. Quando os soldados foram levados para a corrente de água, daqueles 10.000 apenas 300 não beberam de joelhos. Deus escolheu os 300 que não permitiram que os seus desejos fossem cumpridos e os demorassem. Por meio deles demonstrou o Seu poder e ganhou uma vitória decisiva sobre o inimigo. Este punhado de homens possuía coragem e auto-domínio. Eram homens de grande fé.

Devíamos hoje examinar os nossos corações para termos a certeza de que o espírito do temor não nos vai fazer retardar na tarefa de apressar a volta do Senhor. A fim de atingirmos os 325 milhões de pessoas desta grande Divisão, devemos possuir as virtudes mencionadas pelo apóstolo Paulo, o espírito da nossa família missionária que trabalha diligentemente na missão de Dogba no coração de África. Somos advertidos de que «O nosso precioso Salvador nos convida a nos unirmos a Ele, a conjugarmos a nossa fraqueza com a Sua força, a nossa ignorân-

(Continua na pág. seguinte)

A IGREJA MUNDIAL.

A BÍBLIA

E O DÍZIMO

por *Kenneth H. Emmerson*
Tesoureiro da Conferência Geral

Um número cada vez maior de membros da igreja manifestam crescente interesse na maneira como estão sendo administrados os fundos denominacionais e a própria Igreja. Isto é animador, pois membros melhor informados podem prestar a Deus um serviço mais aceitável.

Os métodos de prover recursos financeiros para a Obra, e a maneira de administrá-los têm sofrido alterações no decorrer dos séculos, mas o sistema financeiro dado ao antigo Israel conserva o seu carácter fundamental no tocante à manutenção da obra de Deus. Não pode ser superado. Este sistema de origem celestial tem possibilitado que o povo do advento trabalhe unido através de todo o mundo.

A pena inspirada descreve o segredo da nossa prosperidade: «Qual é o segredo da nossa prosperidade? Temo-nos movido sob as ordens do Príncipe da nossa salvação. Deus tem abençoado os nossos esforços unidos. A verdade tem-se espalhado e florescido. Têm-se multiplicado as instituições. A semente de mostarda cresceu até tornar-se uma grande árvore. O sistema de organização alcançou êxito grandioso. Foi adoptada a contribuição sistemática segundo o plano divino. ... Na medida do avanço feito, ficou provado ser eficiente o nosso sistema de organização. ... Foi a mesma edificada por direcção de Deus, por meio de muito sacrifício e contrariedades.»—*Testemunhos para Ministros*, págs. 27 e 28.

Carta do Presidente

(Continuação da pág. anterior)

cia com a Sua sabedoria, a nossa indignidade com os Seus méritos.» (GC, pág. 623).

Oremos para que o espírito de coragem, o espírito de poder, o espírito de amor e moderação nos caracterize como obreiros de Deus e seja demonstrado em todos os nossos empreendimentos para Ele.

Vosso no serviço corajoso para Ele

C. L. Powers

Desta maneira, a organização da igreja, incluindo a sua estrutura financeira, baseia-se em princípios instituídos pelo Céu.

Origem do sistema do Dízimo

Alguns têm conjecturado que Abraão e os seus descendentes aprenderam o plano do dízimo dos seus vizinhos pagãos e o adaptaram às necessidades do seu próprio sistema religioso.

O ponto de vista da Igreja Adventista do Sétimo Dia é exposto sucintamente nestas palavras: «O sistema do dízimo foi ordenado por Deus, e havia sido observado desde os primitivos tempos.» — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 460. (Itálico nosso)

Existem provas históricas de que nalguns casos, quando os reis pagãos eram vitoriosos na batalha, apresentavam uma parte (às vezes dez por cento) dos despojos a sacerdotes pagãos, em seus relicários ou templos, em sinal de gratidão pelo triunfo alcançado na guerra. Conquanto não saibamos exactamente quando ou como esse costume se originou entre os pagãos dos tempos antigos, estamos cientes de que «o sistema pagão de sacrifícios era uma perversão do sistema que Deus indicara» (*Idem*, pág. 20).

«O sistema sacrificial, entregue a Adão, foi também pervertido pelos seus descendentes. Superstição, idolatria, crueldade e licenciosidade corrompiam o serviço simples e significativo que Deus instituíra.» — *Patriarcas e Profetas*, pág. 378.

Por conseguinte, é provável que o plano de dízimos e ofertas designado por Deus e que se achava relacionado com a religião verdadeira na era patriarcal, tenha sido substituído até certo ponto por falsos ou espúrios sistemas religiosos, em tempos remotos.

«O plano divino do sistema do dízimo é belo na simplicidade e equidade. Todos podem dele lançar mão com fé e ânimo, pois é divino na sua origem.» — *Test. Sel.*, vol. I, pág. 367.

«Este ajuste distinto foi feito pela própria pessoa de Jesus Cristo.» — *Testimonies*, vol. 6, pág. 384.

«O sistema do dízimo remonta para além dos dias de Moisés. Requeria-se dos homens que oferecessem dons a Deus com intuitos religiosos, antes mesmo que o sistema definido fosse dado a Moisés — já desde os dias de Adão.» — *Test. Sel.* vol. I, pág. 372.

O relato do Gênesis, um breve resumo da história da raça humana durante mais de dois milénios, não declara quem foi o primeiro patriarca divinamente instruído a separar o dízimo para o serviço do Senhor. Afirma que Abraão, depois de haver derrotado as forças do rei Quedorlaomer e seus aliados, e após receber a bênção de Melquisedeque, rei e sacerdote de Salém, «de tudo lhe deu o dízimo» (Gen. 14:20; comparar com Heb. 7:1-9).

«Este santo homem (Melquisedeque) abençoou a Abraão em nome do Senhor, e o patriarca deu-lhe o dízimo de todos os despojos, como preto de gratidão ao Governador das nações.» — Ellen G. White, em *Review and Herald*, 16 de Maio de 1882.

De quem aprendera Abraão a dar o dízimo? Ele era o recipiente de considerável número de instruções de origem divina, que acatava e observava conscienciosamente. Disse o Senhor a seu respeito: «Abraão obedeceu à Minha palavra, e guardou os Meus mandados, e os Meus preceitos, os Meus estatutos e as Minhas leis.» Gen. 26:5. Indubitavelmente, o requisito de dar o dízimo da renda estava incluído nesses preceitos dados por Deus.

«(Este plano) continuou através de sucessivas gerações. ... O mesmo princípio havia nos dias de Jacob. Jacob, quando errante e exilado, destituído de bens, deitou-se à noite em Betel, solitário e tendo por travesseiro uma rocha, prometeu ao Senhor: 'De tudo quanto me deres, certamente Te darei o dízimo.' Gen. 28:22.» — *Test. Sel.* vol. I, pág. 372.

Vemos assim que «Jacob também reconhecia a obrigação de dar o dízimo» (Ellen G. White, em *Review and Herald*, 8-12-1896).

«Tal ... era o costume dos patriarcas e profetas antes do estabelecimento dos judeus como nação.» — *Mordomia e Prosperidade*, pág. 67.

● Dízimo no Antigo Israel

No Monte Sinai, Deus estabeleceu uma aliança especial com Israel, pela qual eles se transformaram numa teocracia — uma igreja e uma nação sob o Seu domínio como Rei. O sistema do dízimo, um dos sagrados

encargos confiados a seus antepassados patriarcais, foi dado então aos israelitas. Lemos: «Quando os israelitas estavam prestes a estabelecer-se como nação, a lei dos dízimos foi confirmada, como um dos estatutos divinamente ordenados, da obediência ao qual dependia a sua prosperidade.» — *Patriarcas e Profetas*, pág. 558.

O Senhor tornou bem claro a Israel que o dízimo pertencia a Deus e era sagrado — separado para propósitos sagrados. «Todas as dízimas da terra, tanto do grão do campo, como do fruto das árvores, são do Senhor. ... No tocante às dízimas do gado e do rebanho, de tudo o que passar debaixo da vara do pastor, o dízimo será santo ao Senhor.» Lev. 27:30 e 32.

É empregada aqui a mesma forma de expressão que se encontra na lei do sábado. 'O sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus.' Ex. 20:10. Deus reservou para Si uma porção especificada do tempo do homem e de seus meios, e ninguém poderia inocentemente apropriar-se de qualquer dessas coisas para os seus próprios interesses.» — *Idem*, pág. 559.

Para que propósito sagrado ordenou o Senhor que fosse usado o dízimo? Ele declarou: «Aos filhos de Levi dei todos os dízimos em Israel por herança, pelo serviço que prestam, serviço da tenda da congregação.» Num. 18:21.

A tribo de Levi foi escolhida pelo Senhor para o ministério do santuário, e por esse motivo Ele ordenou que eles recebessem o dízimo (versos 20 e 22-24). «O dízimo era dedicado exclusivamente ao uso dos levitas, a tribo que fora separada para o serviço do santuário.» — *Ibidem*.

«Os que foram designados para ministros do santuário, os levitas, não receberam herança em terras; habitavam juntos em cidades separadas para o seu uso, e recebiam o seu sustento dos dízimos, donativos e ofertas dedicados ao serviço de Deus. Eram os ensinadores do povo, hóspedes em todas as suas festividades, e em toda a parte honrados como os servos e representantes de Deus.» — *Educação*, pág. 148. (Ver *Mordomia e Prosperidade*, pág. 71; *Patriarcas e Profetas*, págs. 559 e 565; *Parábolas de Jesus*, pág. 300).

Os levitas também deviam dizimar as suas rendas. Disse-lhes o Senhor: «Quando receberdes os dízimos da parte dos filhos de Israel, que vos dei por vossa herança, deles apresentareis uma oferta ao Senhor; os dízimos dos dízimos.» Núm. 18:26; Comparar com Neem. 10:38.

O local em que se achava o santuário era o centro ao qual deviam ser levados os dízimos e as ofertas (Núm. 31:25-39; 41 e

47-54; Josué 6:19; *Patriarcas e Profetas*, págs. 519 e 524; *Test. Selectos*, vol. I, pág. 338). Havia um «tesouro,» ou «casa do tesouro,» relacionado com o santuário (ver Josué 6:19 e 24). No tempo de David uma comissão de quatro levitas tinha a seu cargo «as câmaras e os tesouros da casa de Deus» (1 Crón. 9:26). Quando foram delineados os planos para a construção do templo de Salomão, reservou-se lugar para «as suas tesourarias» (1 Crón. 28:11 e 12; 26:20). Os que deram donativos para a obra trouxeram-nos «para o tesouro da casa do Senhor, a cargo de Jeiel, o gersonita» (1 Crón. 29:8). E quando se acabou a construção do templo «trouxe Salomão as coisas que David, seu pai, havia dedicado, a prata, o ouro e os utensílios, ele os pôs entre os tesouros da casa do Senhor» (1 Reis 7:51; 2 Crón. 5:1). E os sacerdotes e levitas «não se desviaram do que ordenara o rei aos sacerdotes e levitas, em coisa nenhuma nem acerca dos tesouros» (2 Crón. 8:15).

Quando Israel se tornava infiel, os tesouros da casa do Senhor eram às vezes saqueados pelos inimigos ou malbaratados pelos dirigentes (1 Reis 14:26; 15:18; 2 Crón. 12:9; 16:2; *Profetas e Reis*, págs. 95 e 329). Mas durante a notável reforma empreendida pelo rei Ezequias, restabeleceram-se os serviços do templo, os ministros da casa de Deus reorganizaram-se para a obra, e o povo foi exortado a trazer fielmente os seus dízimos e ofertas. Houve uma admirável reacção (2 Crón. 31:2-10). «Então ordenou Ezequias que se preparassem depósitos na casa do Senhor. Uma vez preparados, recolheram neles fielmente as ofertas, os dízimos e as coisas consagradas; disto era intendente Conanias, o levita, e Simeí, seu irmão, era o segundo.» Vers. 11 e 12.

Nessa ocasião escolheu-se um grupo de sete homens, sob a direcção de Coré, o levita, para cuidar «das ofertas voluntárias que se faziam a Deus, para distribuir as ofertas do Senhor e as coisas santíssimas» (vers. 14-19).

Desta maneira, a tesouraria da Causa de Deus era bem organizada e fielmente dirigida quando Israel e os seus descendentes eram leais ao Senhor. Mas em 586 A.C. o exército do rei Nabucodonosor destruiu Jerusalém e o templo, e os seus tesouros foram levados para Babilónia (2 Reis 24:13).

Quando os exilados regressaram à sua pátria, após 70 anos de cativeiro, e se erigiu o segundo templo no local em que existira o primeiro (Esdras 6:14-22), os sacerdotes e levitas foram novamente organizados para o serviço, e estabeleceu-se uma tesouraria em conexão com ele (Esdras 8:24-30; Neem. 7:70-73); *Profetas e Reis*, págs. 616, 617 e

619). Fez-se um apelo para que o povo trouxesse as ofertas «às câmaras da casa do nosso Deus; os dízimos da nossa terra aos levitas, pois a eles cumpre receber os dízimos em todas as cidades onde há lavoura» (Neem. 10:37; ver *Profetas e Reis*, pág. 667).

«No mesmo dia se nomearam homens para as câmaras dos tesouros, das ofertas, das primícias e dos dízimos, para ajuntarem nelas, das cidades, as porções designadas pela lei para os sacerdotes e para os levitas; pois Judá estava alegre, porque os sacerdotes e os levitas ministravam ali.» Cap. 12:44.

Mais tarde, Neemias descobriu que Elia-sibe, o sumo sacerdote, dera a Tobias, um amonita e inimigo de Deus, com o qual se tinha aparentado por casamento, «uma câmara grande, onde dantes se depositavam as ofertas de manjares, o incenso, os utensílios e os dízimos do grão, do vinho e do azeite, que se ordenaram para os levitas, cantores e porteiros, como também contribuições para os sacerdotes» (Neem. 13:4-7).

Neemias atirou «todos os móveis da casa de Tobias fora da câmara,» restaurou a tesouraria e reforçou o apelo de que o povo trouxesse os dízimos e ofertas necessários; e eles o fizeram (vers. 7-12). Disse Neemias: «Por tesoureiros dos depósitos pus a Sele-mias, o sacerdote, a Zadoque, o escrivão, e, dentre os levitas, a Pedaías; como assistentes deles a Hanã, filho de Zacur, filho de Matanias; porque foram achados fieis, e se lhes encarregou que repartissem as porções para seus irmãos.» Verso 13; ver *Profetas e Reis*, págs. 669 e 670.

Assim, quando o plano divino no tocante aos dízimos e ofertas era fielmente cumprido em Israel, era efectuado «com decência e ordem» — como Ele deseja que se façam todas as coisas em Sua Causa (1 Cor. 14:33 e 40).

Por intermédio da pena do último profeta do Antigo Testamento, o Senhor advertiu solenemente o Seu povo contra a retenção do Seu santo dízimo: «Roubará o homem a Deus? Todavia, vós Me roubais, e dizeis: Em que Te roubamos? Nos dízimos e nas ofertas. Com maldição sois amaldiçoados, porque a Mim Me roubais, vós, a nação toda. Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na Minha casa, e provai-Me nisto, diz o Senhor dos Exércitos se Eu não vos abrir as janelas do Céu, e não derramar sobre vós bênção sem medida.» Mal. 3:8-10.

«Não é este um pedido do homem; é uma das ordenanças de Deus, pela qual a Sua obra pode ser mantida e lavada avante no mundo.» — *Testemunhos para Ministros* pág. 307.

COMER ENTRE AS REFEIÇÕES

pelo Dr. Ralph F. Waddell

A vida é como um acordeão. Pode ser alargada e pode ser comprimida. Pode ser mais longa ou encurtada. Pelos seus hábitos de alimentação o tocador do acordeão da vida determina em grande medida o limite que pode ser atingido.

Apesar do mundo ocidental ter atingido a maior capacidade de produção de alimentos da história, há fome no meio da fartura nacional. A subnutrição está disseminada, não por falta dos alimentos mas por causa das dietas desequilibradas. Hábitos de nutrição, selecção deficiente de alimentos e o capricho estão na base da má nutrição que por sua vez faz diminuir a eficiência e a produtividade de muitas terras de fartura.

As pastelarias, as máquinas de rebuçados, «self-service» e congéneres existem em toda a parte. Porém os «snacks» são prejudiciais à saúde por diversas razões: (1) Privam o estômago e os outros órgãos digestivos do descanso de que necessitam; (2) Retardam a digestão originando flatulência e sintomas relacionados; (3) Têm uma tendência para exceder o número de calorias necessárias durante o dia; (4) Como os «snacks» têm geralmente uma percentagem elevada de açúcar e carboidratos, privam o corpo dos elementos necessários tais como sais minerais e vitaminas; (5) tendem a diminuir o desejo e o gosto pelas refeições regulares reduzindo assim a digestibilidade.

A mensageira do Senhor escreveu: «A regularidade da alimentação é muito importante para a saúde do corpo e para a serenidade do espírito. Nunca qualquer alimento devia ser ingerido entre as refeições.» — *Counsels on Health*, pág. 118. Em 1876 esta mesma escritora deu as seguintes instruções: «Tomada a refeição regular, deve-se permitir ao estômago um descanso de cinco horas. Nenhuma partícula de alimento deve ser introduzida no estômago até à próxima refeição. Neste intervalo o estômago efectuará a sua obra, estando então em condições de receber mais alimento.» — *Conselhos sobre o Regime Alimentar*, pág. 179.

A ciência tem demonstrado a veracidade deste conselho. Estudos de raios X têm levado a determinar o tempo necessário para esvaziar um estômago normal. Tudo o que permaneça no estômago para além de seis horas depois de uma refeição regular ter

sido tomada é considerado anormal. O estômago normal geralmente esvazia-se por completo ao fim de quatro horas e meia a cinco horas. Séries de testes têm sido feitos nos quais pessoas têm recebido pequenos-almoços de rotina constituídos por um cereal, leite, pão, fruta cozida e um ovo. Através dos raios X, descobriu-se que o estômago nestas circunstâncias leva quatro horas e meia a esvaziar.

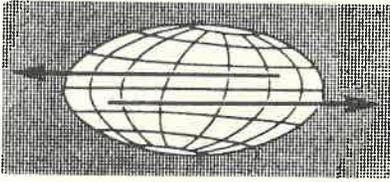
Alguns dias mais tarde estas mesmas pessoas receberam o mesmo tipo de pequeno almoço. Duas horas decorridas, uma delas recebeu um gelado. Constatou-se que seis horas depois o estômago ainda tinha resíduos dos alimentos ingeridos. Outra pessoa recebeu uma sande de manteiga de amendoim duas horas após o pequeno almoço. Nove horas depois ainda tinha resíduos no estômago. Uma terceira pessoa recebeu uma fatia de torta de abóbora e um copo de leite duas horas após o pequeno almoço. Observou-se que durante nove horas o estômago conservou resíduos. Uma quarta pessoa recebeu meia fatia de pão com manteiga uma hora e meia depois do pequeno almoço, comendo outra fatia idêntica hora e meia depois, e assim sucessivamente, sem almoçar. Constatou-se que mais de metade do pequeno almoço estava ainda no estômago decorridas nove horas.

Uma quinta pessoa recebeu um pequeno almoço normal às oito horas da manhã. Duas vezes no decorrer da manhã e duas durante a tarde comia um pedaço de chocolate. As nove e meia daquela noite, treze horas e meia após o pequeno almoço, mais de metade da refeição da manhã continuava no estômago.

Descobriu-se que mesmo um pequeno amendoim retarda a digestão ao ponto de onze horas após o pequeno almoço ter sido tomado haver ainda um grande resíduo no estômago. Esta rotina afecta o mecanismo humano, destroi o seu funcionamento normal e enfraquece a eficiência da mente, do corpo e da alma.

Será de admirar que através da mensageira do Senhor Deus nos tenha dado um testemunho tão claro sobre os hábitos de alimentação? É-nos lembrado repetidas vezes que comer demasiado e comer entre as

(Continua na pág. 19)



ATRAVÉS DO MUNDO ADVENTISTA

Deus abençoa o negócio quando o gerente obedece

Há alguns meses dirigi uma série de reuniões evangelísticas em Pittsfield, Massachusetts. Entre os ouvintes encontrava-se o senhor e a senhora Mário da Silva com a filha. Tive oportunidade de estudar a doutrina da igreja com estas pessoas durante sete meses.

No decorrer destes meses a senhora Silva teve um sonho no qual viu Jesus vindo nas nuvens dos céus. Este facto impressionou-a a ser baptizada juntamente com o seu marido. Contudo, ele estava relutante porque teria de fechar o restaurante que possuía ao sábado. «Não posso fazê-lo,» disse. «Faço mais dinheiro nesse dia do que em todos os outros dias da semana juntos. Se fechar o meu restaurante ao sábado perderei a clientela e irei à falência.»

Então a senhora Silva teve um segundo sonho. Nele Jesus disse-lhe que removesse o grande anúncio que tinha em frente do restaurante fazendo propaganda de salchichas de porco e de outras carnes imundas. Ao falar com o marido sobre o assunto, este respondeu: «Aquele cartaz custou-me cerca de vinte mil escudos. Como me poderei desfazer dele? É impossível!»

Ao prosseguir no estudo das doutrinas da igreja, garantimos-lhe que o Senhor não o deixaria falir. Ele pensou no assunto e decidiu-se a apresentar o seu problema em oração. Ajoelhou-se no seu quarto e pediu ao Senhor que lhe mostrasse o que deveria fazer. Ouviu então uma voz dizendo-lhe que seguisse o exemplo da sua esposa. Correu para a cozinha e contou-lhe o que o Senhor lhe acabara de dizer. Eles abraçaram-se e choraram.

O cartaz foi removido, o restaurante foi fechado ao sábado, e o senhor e a senhora Silva foram baptizados. Na semana seguinte ele ficou surpreendido ao constatar que o número de clientes tinha aumentado de maneira sem precedente. Pessoas que lhe deviam pagavam com juros, os que o tinham roubado devolviam-lhe os artigos furtados, e os seus empregados começaram a interrogar-se sobre o que estava a

acontecer. «Nunca vi tantos milagres em toda a minha vida,» exclamou o senhor Silva.

Além de continuar o seu negócio durante seis dias na semana, o senhor Silva dispõe de duas horas do seu tempo para fazer visitas, para orar, e para vender a nossa literatura entre os vizinhos.

Antes de se tornar um adventista do sétimo dia costumava de se me queixar de que a igreja onde costumava ir estava sempre a pedir dinheiro e de que cada membro da sua família tinha de



Mário da Silva, com sua esposa e filha

dar 7\$50 para a igreja. Agora ele dá quinze por cento dos seus lucros à igreja e afirma que quanto mais dá mais é abençoado. Ele ama a Campanha das Missões e numa semana angariou mais de doze mil escudos.

O senhor e a senhora Silva estão radiantes com a mensagem e preparam-se para a breve volta de Jesus Cristo. A sua filha, Rosa Maria, que se baptizou antes deles, frequenta uma escola adventista em New Braintree. Este casal ora pela conversão de dois filhos para que toda a família possa pertencer à igreja remanescente.

Leonard Westphal

O imperador da Etiópia pede uma colecção de livros de histórias da Bíblia

Sua Majestade Imperial Haile Selassie I da Etiópia encomendou recentemente uma colecção de livros de histórias da Bíblia. Da sua carta citamos o seguinte: «Esta colecção de dez volumes de histórias da Bíblia, tão belamente ilustrada, interessará a toda a gente, pela maneira como o autor mostra possuir grande respeito pela Santa Palavra. Temos por esse motivo autorizado a impressão desta colecção, autorização que vai assinada por nós.

«Esta Palavra deve ser levada a todas as camadas da sociedade a fim de perpetuar elevadas normas morais e uma base espiritual que se tornem o fundamento de uma nação mais próspera e de um mundo mais harmonioso. Que a santa vontade de Deus possa ser cumprida na distribuição da Sua Palavra a todo o mundo.»

Está agora a ser impresso o primeiro volume das histórias da Bíblia, devendo estar em circulação na Etiópia brevemente.

W. A. Higgins

Esforços de Evangelização na África do Sul

Recentemente Ray Kent deu início a uma grande campanha de evangelização na cidade de Joanesburgo, na África do Sul, num teatro com a capacidade de 2.300 pessoas. Foi necessário repetir três vezes a primeira conferência a fim de que as 6.000 pessoas interessadas pudessem a ela assistir.

Ao mesmo tempo mais de 28.000 pessoas assistiram às reuniões das primeiras quatro semanas de um esforço de evangelização em East London, na África do Sul, dirigido por L. J. Cherry, da Austrália. A primeira reunião teve lugar no dia 14 de Março. A assistência que esteve presente na reunião inaugural foi a maior de sempre em reuniões do género, numa cidade de cerca de 55.000 habitantes.

Era o plano inicial que a campanha tivesse lugar num teatro com a capacidade de 900 pessoas. Foram programadas duas sessões para a reunião inaugural, mas o interesse suscitado foi tão grande que se tornaram necessárias mais duas repetições. Contudo milhares de pessoas ficaram ainda impossibilitadas de entrar e assim no dia seguinte, terça-feira, o teatro foi de novo alugado para o efeito, e mais duas sessões tiveram lugar. O interesse continuava e o programa foi ainda repetido na quinta e na sexta. Assim cerca de sete mil e quinhentas pessoas ouviram a primeira conferência deste esforço de evangelização.

Robert H. Pierson

Vale a pena guardar o Sábado?

Jarbas da Silva Barros é casado com D. Neuza, excelente missionária. Ele era espírita e ouvia ocasionalmente a Voz da Profecia. Teve então o seguinte e impressionante sonho:

Estava no Maracanã (estádio de futebol do Guanabara) e via quando as pessoas eram levadas por um longínquo corredor para serem eliminadas. Acordou impressionado e orando o Pai Nosso. Logo a seguir resolveu frequentar a Igreja Adventista do Sétimo Dia, do Meier. Tive a grata satisfação de baptizar o Sr. Jarbas no dia 17 de Abril de 1966.

Naquela época ele trabalhava numa fábrica que não funcionava aos sábados. Porém, duas semanas após o baptismo, aquele irmão passou por uma séria provação. O gerente chamou-o e disse: «Jarbas, sábado próximo você será o encarregado.» Como afirmasse que não podia transgredir o sábado, o nosso irmão foi despedido.

Isto ocorreu na sexta-feira, e fui fazer o pôr-do-sol na casa dessa família. Quando me aproximei daquela residência humilde, os quatro filhos menores correram alegremente ao meu encontro, e diante daquele homem, com esposa e quatro filhos, que na segunda-feira seguinte estaria desempregado numa grande cidade como é o Rio de Janeiro, senti o que talvez vários colegas já sentiram — bastante oressão!

Conversámos, orámos, e no final lemos Êxodo 2:6; «Eu faço misericórdia até mil gerações daqueles que Me amam e guardam os Meus mandamentos.» Fechando a Bíblia, eu disse: «O mesmo Deus, o mesmo capítulo em que manda guardar o sábado, dá uma promessa aos fiéis, declarando que vai ajudá-los.»

O sr. Jarbas foi despedido sem direito a nada, mas a esposa disse-lhe: «Fizeste bem em não trabalhar aos sábados. Deus não vai deixar faltar o pão em nossa casa.» Ele pegou nas ferramentas e começou a fazer o trabalho de electricista por conta própria, onde aparecia serviço.

«Nunca passei fome — diz o nosso irmão. — Algumas vezes ficava sem dinheiro algum, mas antes do pôr-do-sol de sexta-feira Deus provia o suficiente. Comecei a dar 25 % das gorjetas para o Fundo de Inversão, e ao terminar um trabalho de 150 cruzeiros o dono do serviço deu-me 460.

Meses depois, Jarbas é apresentado para trabalhar na fábrica de asfalto do Estado, não como funcionário, mas apenas em carácter experimental. Dias mais tarde, quase todos na situação dele são mandados embora. Jarbas permanece. Surge novamente o problema do sábado, e ele resiste àquela crise. Muda a direcção da fábrica, e agora Jarbas é considerado indispensável. O seu salário vai subir se ele trabalhar pelo menos duas horas no sábado. As coisas vão-se precipitando lá dentro da fábrica. Jarbas sai. O problema é sério! Surgem novas propostas de duplicar o salário, Jarbas sente-se perturbado, mas não cede.

Um belo dia, depois de quemarem quatro motores do fluidómetro fabricado fora do Brasil, a fábrica parou. Isto significava que ficaria alguns dias sem funcionar, já que não possuíam motores sobressalentes. Aí começou a perícia do irmão Jarbas: trouxe de casa o motor da máquina de costura, adaptou-o, e em pouco tempo a usina estava a trabalhar outra vez. O espanto foi geral. Correm para a usina todos os jornais do Rio, e é publicada ampla reportagem. A televisão projectou e comentou longamente o facto. «O operário inventor evitou o prejuízo de milhões para o Estado.» O governador toma conhecimento da ocorrência, e o secretário de Obras Públicas recebe a incumbência de prestar homenagem a Jarbas da Silva Barros, adventista do sétimo dia.

Cópia do certificado entregue àquele membro da nossa Igreja: «SURSAN. O conselho de administração da superintendência de urbanização e saneamento, em sua reunião de 19-12-1969, resolveu conferir a Jarbas da Silva Barros a medalha de prata pelos bons serviços prestados a esta superintendência. Rio de Janeiro, Gb, 23-12-1969. a) Presidente: Raimundo de Paulo Soares, Secretário do Estado de Obras Públicas — presidente da SURSAN.»

Ele recebeu outras homenagens, e o cargo de confiança do Governador. Hoje Jarbas continua feliz na sua igreja, mora em casa própria, ganha cinco vezes mais do que ganhava no emprego perdido e prepara-se para receber a vida eterna com a sua esposa e seus filhos. Cada ano a família desse irmão ganha muita gente para a verdade.

Rodolfo Cavaliere

AMÉRICA DO SUL — De 36 a 260.000 em 75 anos

O território da Divisão Sul-Americana apresenta-se talvez para muitos Adventistas do Sétimo Dia como muito semelhante ao que imaginam que é a região do Amazonas — florestas ilimitadas, cheias de grande variedade de vida selvagem, aldeias espalhadas aqui e ali, e poucos encantos da civilização.

Na realidade, a América do Sul tem alguns dos maiores centros populacionais do mundo e o Adventismo está rapidamente avançando em alguns deles.

Consideramos como exemplo de uma área em que a obra cresce deste modo, a Conferência de São Paulo. Esta conferência tem sem dúvida o maior número de igrejas que qualquer outra conferência do mundo — mais de 300, com um total de membros que excede os 37.000. Mais de metade das igrejas estão situadas na própria cidade de São Paulo.

A Conferência do São Paulo faz parte da União Sul-Brasileira, que, segundo afirmam os relatórios, é a segunda maior união de conferências no campo mundial.

As raízes do Adventismo do Sétimo Dia na América do Sul remontam a 1894, quando Frank H. Westphal foi enviado pela Conferência Geral para organizar o trabalho na Argentina. Dentro de poucos anos foi construída a primeira igreja na América do Sul, em Crespo. Havia 36 membros. O edifício é hoje usado para fins da Escola Sabatina, como anexo ao novo e muito maior lugar de adoração. Destes humildes começos a Mensagem encontrou o seu caminho através de todos os países do continente. Com o auxílio de Deus a Divisão tem agora 260.000 membros.

Há algumas semanas visitei a América do Sul e assisti ao Conselho Anual da Divisão, que teve lugar em Montevidéu, Uruguai, onde se localiza a sede da Divisão. R. A. Wilcox, presidente da Divisão, e os seus associados, E. Oliveira, secretário, e L. D. Wood,

(Continua na pág. 11)

A OBRA DAS PUBLICAÇÕES ESTENDE-SE ATÉ À ÁFRICA EQUATORIAL

Há uma dezena de anos, ouvia-se dizer que a colportagem evangélica era impossível nos Camarões. Desde então as circunstâncias têm mudado consideravelmente. Quando me desloquei

guêsa, sucedeu à irmã Walder. Ele organizou o trabalho nos Camarões e na República Centro-Africana; mas teve de voltar à Europa devido ao estado de saúde de um dos seus filhos.

Africanos. Ele está fazendo um bom trabalho. Em relação a 1969 houve um aumento de 97% de vendas durante 1970.

Há alguns anos, introduzimos o «plano de bicicletas». Graças ao auxílio de uma irmã da América e à generosidade das igrejas da Europa, foi criado um fundo que permite aos nossos colportores evangelistas adquirir veículos de duas rodas por metade do preço. Desde que a maior parte dos colportores tem sido assim equipada, as vendas têm duplicado.

Em Abril e Maio transactos, visitei essa União pela segunda vez. Tive a grande alegria de encontrar a obra das Publicações solidamente estabelecida. Organizámos com o irmão Masson dois cursos de formação; o primeiro com quarenta e sete alunos da classe bíblica de Nanga-Eboko, e segundo com colportores evangelistas, em Yaoundé. Raramente tenho verificado um interesse maior. O curso para os colportores «regulares» teve lugar na nossa bela sala do Centro social de Yaoundé. Aguardava-me uma agradável surpresa: apresentaram-me um grupo de uma dezena de homens bem parecidos que têm tido sucesso. Contaram-nos experiências comovedoras que testemunham o poder de Deus e o seu espírito corajoso: o irmão Medjo, de Ebolova, fundou uma igreja e o irmão Mbock, de Douala, levou uma vintena de pessoas ao baptismo em dois anos e meio.



Colportores e obreiros da Tipografia Adventista de Yaoundé

a este território em 1966, pela primeira vez, tínhamos já uma tipografia, dirigida com competência pelo irmão J. J. Hecketsweiler. Um técnico, irmão H. Lehmann, foi enviado em seguida bem como um administrador adjunto, irmão J. Amacker. Esta casa publicadora é conhecida favoravelmente em toda a região e honra a causa de Deus. Tem uma grande capacidade de produção.

Em 1966 foram lançadas as bases da colportagem evangélica. A irmã Heidi Walder, esposa de missionário, foi a primeira secretária de publicações feminina não somente de África como de toda a Divisão. Desde o início temos tido um grande sucesso particularmente junto da classe dirigente e da administração do país. A irmã Walder trabalhava principalmente na capital, Yaoundé, e nos arredores, e formava colportores evangelistas. Mas para desenvolver verdadeiramente esta obra, era necessário um homem que penetrasse nas seis Repúblicas da União, esse território quase tão grande como metade da Europa, que se estende por 3.000 quilómetros de norte a sul.

Em 1968, um dos nossos irmãos de Espanha, David San-

Em 1969, um suíço, irmão Claude Masson, tomou as rédeas desse trabalho. O Senhor abençoou os seus esforços. Actualmente temos doze colportores evangelistas regulares, e sete estudantes durante o verão. É um prazer ver com que facilidade o irmão Masson se adaptou aos



*Colportores evangelistas dos Camarões
No meio: Cl. Masson*

Um dos objectivos da minha visita foi procurar organizar a difusão das nossas publicações nas outras Repúblicas. Assim, juntamente com o irmão Masson, desloquei-me ao Tchade. Encontrámos aí a família A. Bodenmann, que tem feito uma magnífica obra de pioneiro. Estamos a planear ter acesso ao ministério do Interior a fim de sermos autorizados a vender os nossos livros.

Em Bangui, capital da República Centro-Africana, passámos o sábado na igreja local. Um representante evangelista e a sua jovem esposa, ambos oriundos dos Camarões, trabalham com enorme sucesso. Há algum tempo, o irmão Jean Kempf, nosso missionário, obteve do presidente da República a autorização de vender as nossas publicações. Três ou quatro colportores, bem como os estudantes foram autorizados a trabalhar neste país.

A nossa viagem conduziu-nos em seguida a dois países onde a obra adventista não está ainda estabelecida: A república popular do Congo e o Gabão. Brazzaville é uma cidade de cerca de 200.000 habitantes, muito simpáticos e sorridentes. Temos ali grandes possibilidades de evangelização. Tendo tomado contacto com os ministérios da Saúde pública e da Educação Nacional, chegámos à conclusão que nada se opunha à venda das nossas publicações de carácter médico e educativo. Em Libreville (Gabão), verificámos a mesma coisa. Ali também nós podemos penetrar com os nossos livros.

A África desperta. O povo gosta de ler para se instruir e para se

distrair. Aproveitemos sem demora uma situação tão favorável. Constatei que o futuro da página impressa não reside apenas na venda de grandes livros como na Europa, mas também na de pequenas brochuras acessíveis a todos, escritas e ilustradas para os africanos. As pessoas assimilam dificilmente a literatura proveniente da Europa cujo preço é demasiado elevado para as suas posses. Oferece-se uma ocasião única à nossa Casa Publicadora de Yaoundé a fim de produzir tais publicações não somente para a União da África Equatorial, como também para outros países francófonos deste continente.

Reunimo-nos várias vezes em

conselho a fim de fazermos planos. Admirei o cuidado com que o irmão E. Ludescher, o presidente, e os seus associados estudaram cada problema com vista a encontrar uma solução. O nosso objectivo é ter neste território pelo menos vinte e cinco colportores evangelistas regulares. Por meio da página impressa, levarão o evangelho às multidões das grandes cidades e aos africanos que vivem nos locais mais isolados. Oremos e trabalhem para que numerosas almas possam assim encontrar o caminho da vida eterna.

Por E. Naenny



Alunos da classe bíblica de Manga-Eboko que participaram no Curso de Colportagem

ATRAVÉS DO MUNDO ADVENTISTA (Continuação da pág. 9)

tesoureiro, estão imprimindo positiva liderança ao desenvolvimento da nossa obra neste território. Durante a sessão os delegados votaram trabalhar por um alvo de 500.000 membros até 1975. Isto quer dizer que o objectivo é acrescentar 270.000 conversos antes do fim do quinquénio. Todos os departamentos proclamaram a sua total adesão a este alvo e anunciaram planos para uma activa participação. O exercito de 5.276 obreiros da Divisão estará directa e indirectamente empenhado numa forte investida evangelística. O programa da Contagem Regressiva dos Testemunhos nas línguas nacionais foi denominado «Em Órbita com os Testemunhos».

«A América do Sul para Cristo» foi o tema escolhido para o presente Ano dos Leigos. A juven-

tude da América do Sul está activamente empenhada nos objectivos e alvos da igreja. Em 1970 foram baptizados 22.213. Cinco mil, quinhentos e trinta e sete jovens foram baptizados num só Sábado. Num dos colégios secundários existem mais de 50 Escolas Sabatinas filiais dirigidas por estudantes, num raio de seis milhas à volta do colégio. Várias igrejas foram já erigidas como resultado dos esforços da juventude.

Durante a sessão da Divisão foi formada uma Comissão para estudar o programa de educação secundária através da Divisão. Este é um domínio que carece de estudo especial não somente em vista das necessidades educacionais mas também por causa da aparente duplicação e proliferação dos programas esco-

lares através do campo. A necessidade de um seminário Latino-Americano foi também discutida. Fez-se um pedido de que tanto a Divisão Sul-Americana como a Divisão Inter-Americana estudem em conjunto essa possibilidade.

Num esforço para elevar o nível das escolas secundárias e superiores e ajudá-las a preparar o seu crédito junto da Conferência Geral, foi concedida aprovação para o estabelecimento de uma comissão de Educação para a Divisão Sul-Americana, que fará as suas recomendações directamente à Conferência Geral.

O pessoal da Conferência Geral que participou nas reuniões da Divisão foi: D. S. Johnson, secretário associado; J. C. Kozel, tesoureiro assistente; e o autor.

Charles B. Hirsch

ORAÇÕES NOS COBERTORES



«Oh, que lindo quarto!» exclamou Bela, ao se lhe deparar onde devia dormir naquela noite. Ela tinha ido para a província só para passar o dia, com a tia Ana; mas tinha nevado e o vento soprava tão forte naquela tarde que as estradas estavam intransitáveis e ela tinha de passar ali a noite — facto que no fundo não lhe desagradava.

«Mas que boa cama! A tia também dormia nela quando era pequena?»

«Sim, dormi nela durante muitos anos,» respondeu a tia Ana, enquanto ajudava a sobrinha a despir-se. «O quarto tem exactamente a mesma mobília que tinha então — o mesmo escritório, as mesmas cadeiras e a mesma tapete. É tudo muito antiquado, mas de grande estimação para mim».

Bela ficava engraçada vestida com a camisa da tia Ana. As mangas tiveram de ser apertadas de maneira cómica. Fartaram-se de rir e a tia Ana levantou Bela até ao espelho para que ela se pudesse ver.

«Agora ponha-me na cama, tia», pediu Bela. «Depois pode descer as escadas, que eu não vou ter medo.»

A tia Ana quedou-se com a menina nos braços.

«Disseste que estavas pronta para ir para a cama, Bela?»

«Sim, já me pode pôr na cama, e aconchegar-me de maneira que eu fique quente. Quando for para a cama, não se esqueça de me dar uma espreitadela para ver como fico engraçada com a touca.» E os seus olhos brilhantes irradiavam uma alegria sem par.

«Já te esqueceste das tuas orações, Bela?»

«Oh, faço-as sempre na cama, tia.»

A tia Ana ficou muito séria. «Mas achas que isso está bem, Bela?» perguntou enquanto se sentava numa cadeira de repouso ao lado do aquecimento, com a menina ao colo. «Achas que essa é uma maneira correcta de fazer oração?»

«Porquê, não sei! Faço sempre oração na cama, a não ser que adormeça antes de dar por isso.»

«A minha mãe», disse a tia Ana, «costumava chamar a essas orações 'orações nos cobertores.' Ela nunca deixava os filhos fazer oração na cama a não ser que estivessem doentes e impossibilitados de se ajoelharem. Pensa só, Bela. Porque é que nos ajoelhamos na igreja quando fazemos oração? Acharias estranho se a congregação se sentasse nos seus lugares durante a oração, preocupando-se apenas em estar o mais confortavelmente instalados possível.»

«Oh, isso seria de facto muito estranho, tia!»

«Não só seria estranho como impróprio,» replicou a tia Ana, «e duvido que houvesse muita reverência e devoção entre os que orassem dessa maneira. Um rei e uma rainha exigem e recebem uma exteriorização de respeito da parte daqueles que se lhes dirigem, especialmente dos que humildemente lhes imploram misericórdia. E não é o Rei dos céus merecedor de uma manifestação de respeito quando Lhe fazemos oração e Lhe pedimos misericórdia e perdão? Se está correcto e é aconselhável que nos ajoelhemos na igreja, também está correcto e é aconselhável que nos ajoelhemos quando estamos sós no nosso quarto. Deus tem os olhos em nós, e é só a Ele que nos devemos preocupar em agradecer.»

«Mas como sabemos nós, tia, que Deus quer que nos ajoelhemos?»

«A Bíblia diz-nos que o devemos fazer,» respondeu a tia. «Não te lembras das palavras: 'Ó, vinde, adoremos e prostremo-nos; ajoelhemos diante do Senhor que nos criou?' e do que lemos num dos Salmos: 'Entraremos nos Seus tabernáculos: prostrar-nos-emos ante o escabelo dos Seus pés'? Salomão, o grande e sábio rei, ajoelhou-se diante do altar do Senhor. Esdras caiu sobre os seus joelhos e fez a sua confissão a Deus. Daniel ajoelhava-se três vezes por dia. E ainda temos um exemplo maior e mais santo do que todos estes. O nosso próprio Salvador, quando estava com os discípulos

(Continua na pág. 14)

A IGREJA FRANCO-PORTUGUESA DE ENGLEFONTAINE

Meu pai, Luís Coelho, veio em Maio de 1962 para Englefontaine, pequena vila de pouco mais de mil habitantes, juntamente com o irmão João Ribeiro, que faleceu no dia 13 de Janeiro de 1969, num acidente de trabalho. Eram ambos da mesma igreja de Canelas e foram contratados para trabalhar numa empresa de trabalhos públicos em Englefontaine.

Foram eles os primeiros adventistas a guardar o Sábado nesta região, coisa que maravilhada toda a gente. Não sabendo dizer uma palavra a respeito da sua fé, limitavam-se a dar o seu testemunho.

Em Junho de 1963, vim fazer-lhes companhia, também contratado pela mesma empresa como trabalhador. Em Setembro do mesmo ano veio a esposa do Ir. Ribeiro juntar-se ao seu marido, trazendo consigo um filho e uma filha de tenra idade. Em Outubro de 1964, chegou minha mãe com alguns dos meus irmãos.

Agora duas famílias adventistas se encontravam nesta região, não longe uma da outra — apenas cinco quilómetros — manifestando o desejo espiritual de se reunirem. Em breve se começou a fazer a Escola Sabatina em conjunto, às 10 horas, em casa uns dos outros.

Dentro de algum tempo chegou a esta região a família Teixeira Coelho, e depois a família Neves Coelho, perfazendo assim o número de 17 adventistas, incluindo as crianças.

Um dia de Sábado, estando bom tempo, saímos todos de manhã cedo com o fim de fazer a Escola Sabatina na floresta e ali passar o dia num lugar designado. Acompanhava-nos um casal idoso francês, nosso amigo.

Quando ali nos encontrávamos em plena floresta, muito nos surpreendeu a visita do padre de Englefontaine, acompanhado de um frade capuchinho.

Sendo eu a passar a lição, eles fizeram parte dos nossos ouvintes (mas não esquecidos), apesar de a lição ser feita em português. Eles ficaram maravilhados. Para terminar a Escola Sabatina cantámos o hino «Firme Alicerce», cuja música é universalmente conhecida. Eles nos acompanharam na sua língua e fizemos uma oração, após a qual nos disse o frade: «Vous avez le So-

leil de la justice» («Vós tendes o Sol da justiça»).

A nossa alegria foi grande nessa manhã, mas a deles não foi menor, pois no dia seguinte, Domingo, à hora da missa, na sua igreja falaram de nós como sendo um exemplo a seguir.

Depois disso, vários contactos pessoais foram tidos entre o nosso pastor e o padre em sua casa.

Nesse tempo estávamos em contacto com a igreja de Reims, a 150 quilómetros, e recebíamos a visita do pastor uma vez por mês. Chama-se ele André de Saulces, e tinha sido colega do Ir. José Abella em Collonges-sous-Salève.

Nossa Escola Sabatina funcionava sempre em português, mas como deixássemos de receber o trimensário em nossa língua, pedi ao pastor que nos visitava um trimensário em francês e assim me obriguei a estudar a lição nessa língua.



Crianças da igreja de Englefontaine



Membros da igreja de Englefontaine

Em breve a nossa juventude começou a partilhar a sua fé, e um jovem francês passou a assistir à Escola Sabatina. Pouco depois, outros jovens fizeram o mesmo. E assim, em Junho de 1969, nasciam em Lille os três primeiros adventistas, fruto do esforço do nosso grupo português.

Em Janeiro deste ano mais dois jovens foram acrescentados e em Maio outros dois vieram elevar para sete o número dos jovens membros.

Agora não somos mais um grupo, pois em Vichy, o mês passado, fomos aceites e reconhecidos como igreja, tendo 21 membros e 10 crianças, filhos de membros.

Há pouco começou a Campanha das Missões. É já o terceiro ano que se faz na região, cada vez com mais ânimo. Só na primeira saída alcançámos 35 % do alvo.

Não temos ainda sala de culto aqui. As reuniões fazem-se em casa da nossa irmã Ribeiro, na sua sala de jantar, oferecida para esse efeito.

Já encontrámos nesta região outros adventistas, há 25 anos esquecidos. Agora um casal já idoso tomou de novo o caminho a sério, e outro tem ainda certos problemas na sua vida a resolver.

Aqui termina o nosso relatório bastante abreviado. Que ele sirva de estímulo para tantos outros é o nosso sincero desejo na fé de nosso Senhor Jesus Cristo. Amen.

7 de Junho de 1971.

Luís Coelho

Salmo 43

*Envia Tua luz, Tua verdade,
Que me conduzam para o monte santo
Onde habitas em pura santidade.*

*E subirei ao Teu altar e, entretanto,
Com alegria, em salmos de piedade,
Entoarei ali meu pobre canto.*

*Porque estás abatida, que temor,
Ó alma, te perturba, e te desperta
Essa aflição que geme em teu clamor?*

*Espera em Deus, Sua presença é certa:
É minha salvação e meu repouso,
A fonte de água viva, sempre aberta
Para o cervo que brama sequioso.*

Jorge César Mota

A HISTÓRIA DO MÊS

(Continuação da pág. 12)

no Monte das Oliveiras, afastou-se deles um pouco, ajoelhou-se e orou. Só esse exemplo seria suficiente para ensinar aos cristãos a postura correcta para a oração.»

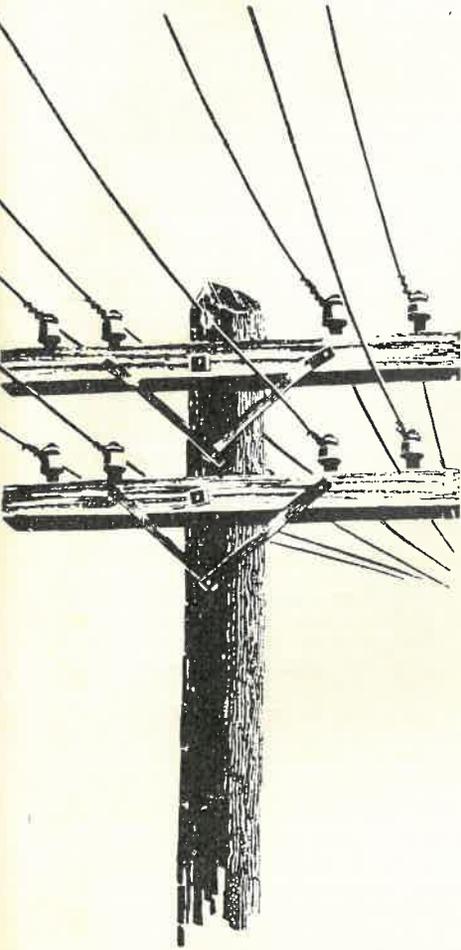
«Não voltarei a fazer a minha oração na cama», disse Bela pensativamente. «Mas, tia, o meu quarto em casa é frio, e eu gosto de saltar para a cama logo que estou despida.»

«Deves então fazer a tua oração antes de te despires. Deves pensar menos no conforto e mais na devoção.»

Bela ajoelhou-se ao lado da cama, e em silêncio a tia ajoelhou-se a seu lado. Fervorosamente aquela menina fez uma oração simples, e ao erguer-se um sorriso emoldurava o seu rosto.

«Esta é a melhor maneira, tia, e eu sei que Deus Se agrada apenas com o melhor. Espero que Ele me perdoe a maneira como orei no passado.»

Ernest Lloyd



OBREIROS

Esmeralda Ferreira

Em 14 de Maio chegou a Lisboa, vinda do Newbold College, depois de ali ter estudado durante o ano lectivo findo, a Ir. Esmeralda Ferreira, obreira bíblica da Igreja Central de Lisboa.

António Augusto Catarino

Em 20 de Maio chegou à Metrópole, acompanhado de sua Esposa e Filha, o Ir. António Augusto Catarino, missionário em Angola, que pouco depois seguiu para Collonges a fim de ali frequentar o Curso de Extensão da Universidade Andrews.

Vitorino Chaves

Acompanhado de sua Esposa, chegou em 31 de Maio o Pastor Vitorino Chaves, vindo da África do Sul, onde foi passar um tempo com os seus filhos.

Maria da Graça Monteverde

A fim de frequentar o Curso de Férias de Collonges, para ali partiu a Ir. Maria da Graça Monteverde, em 2 de Junho.

Joaquim Alegria Morgado

Na companhia de sua Esposa e Filha, chegou a Lisboa, em 7 de Junho, o Pastor Joaquim Alegria Morgado, secretário dos Departamentos da Escola Sabatina, Actividades Leigas e Missionários Voluntários da União Angolana. Seguiu pouco depois para o Seminário de Collonges, a fim de ali frequentar o Curso de Extensão da Universidade Andrews.

José Abella

Acompanhado de sua Família, chegou a Lisboa, vindo de Moçambique, em 9 de Junho, o Pastor José Abella, que logo seguiu para Collonges a fim de frequentar o curso acima mencionado.

Valter Miguel

Com o mesmo objectivo, partiu em 10 de Junho para o Seminário de Collonges o Ir. Valter Miguel, obreiro das igrejas de Avintes e Oliveira do Douro.

IGREJA DE GENERAL ROÇADAS

Teve lugar de 2 a 11 de Abril uma série de conferências de reavivamento espiritual, subordinada ao tema «O Jesus para o Homem Moderno». Foi orador o Pastor António Baião, que na qualidade de locutor e produtor da «Voz da Esperança» se fez ouvir com muito agrado por uma

escolhida e atenta assistência. Além da presença dos membros da igreja, tivemos a honra de acolher cada noite cerca de 30 visitas. Simultaneamente realizaram-se no salão dos jovens reuniões especiais para as crianças, dirigidas pelas irmãs Dra. Odete Ferreira e Alcinda Rodriguez. O coro feminino da igreja fez-se ouvir com agrado cada noite, contribuindo para a atmosfera espiritual que sempre rodeou estas reuniões. No domingo, 11 de Abril, tivemos a alegria de testemunhar o baptismo de três preciosas almas. Foi oficiante o Pastor António Baião que no final fez um veemente apelo correspondido por um bom número de visitas que mostraram o seu desejo de se prepararem para um encontro feliz com Jesus. Cerca de duas dezenas de pessoas fizeram a sua inscrição no curso «Futuro Brillante». Orai para que possamos em breve ver frutos do trabalho realizado. Agradecemos a Deus por ter presidido por intermédio do Seu Espírito a todas estas reuniões, e esperamos que não seja em vão.

Entre os novos membros da igreja encontra-se a irmã Manuela Palma, fruto do curso «A Bíblia Responde». Estão de parabéns as incansáveis irmãs Zuraída e Irene que mais uma vez puderam constatar que Deus faz frutificar o trabalho fiel dos Seus filhos.

Baptizou-se no mesmo dia o irmão José Branco. Este irmão é também um testemunho vivo do



General Roçadas — O Pastor A. Baião proferindo uma das suas conferências



Os nossos membros da Igreja de General Roçadas

poder do Espírito Santo. Fumador de três maços de cigarros por dia, alcoólico saturado (dois copos chegavam para o tornar completamente), conseguiu apenas com a força de vontade outorgada pelo poder de Deus vencer tudo isso e iniciar pela primeira vez na sua vida, com o sábado livre, uma carreira profissional que lhe abre novos horizontes. Grande é o Senhor e por isso estamos alegres!

Campanha das Missões

Além do alvo financeiro, congratulamo-nos com os nossos irmãos Matos e Pires pelo interesse que suscitaram na Musgueira, bairro pobre, mas pleno de pessoas interessadas na mensagem. Aguardamos com interesse notícias de novas vitórias para o Senhor, da parte da irmã Natividade, obreira bíblica de Alvalade, a cargo de quem está confiada a responsabilidade de fazer crescer a semente lançada.

Picheleira — Ano das Atividades Leigas

De 18 a 25 de Abril teve lugar em casa do irmão Correia, já conhecido dos nossos leitores, uma interessante série de reuniões subordinadas ao tema «Cristo nas Escrituras». Foi orador o irmão Manuel Leite, ancião da igreja de General Roçadas. Vimos coroada de êxito a propaganda feita por meio de convites impressos para o efeito, e foi sem dúvida uma surpresa inesquecível constatar a presença de cerca de cinquenta pessoas (entre as quais havia quatro ou cinco irmãos da igreja) que cada noite se reuniram para estudar a palavra de Deus. Como a área não possui luz eléctrica, foi utilizado o sistema de bateria para que fosse possível acompanhar as palestras com diapositivos a cores. Tivemos o privilégio de assistir à última dessas reuniões,

e foi com emoção que vimos um bom número de almas levantar-se e manifestar o desejo de seguir o Senhor. Foram feitas várias inscrições no curso «Futuro Brillante» e agora cada sexta-feira tem lugar ali uma Escola Sabatina anexa. Orai pela frutificação deste trabalho. Foi a primeira vez que um irmão leigo teve completamente a seu cargo um esforço de evangelização feito com o auxílio de propaganda impressa. Esperamos vivamente que muitos outros irmãos lhe sigam o exemplo. Temos já em vista dois outros locais susceptíveis de se tornarem outros tantos focos de interesse pela verdade. Olhamos ansiosamente para o dia em que estes números serão acrescidos de vários zeros. De quem dependerá disso? Quanto faltará para a volta do nosso Salvador?

T. Ferreira

OLIVEIRA DO DOURO E AVINTES

Cerimónias baptismais

De 5 a 12 do passado mês de Abril teve a igreja de Oliveira do Douro uma série de reuniões de evangelização e reavivamento dirigidas pelo Ir. Evangelista Francisco Caetano.

Sempre com agradável e numerosa assistência de membros e visitantes, o Ir. Francisco Caetano apresentou em mensagens curtas mas directas e claras os pontos fundamentais da nossa fé e experiência cristãs.

No último Sábado, e finalizando esta Campanha, teve lugar uma bela cerimónia baptismal, na qual oito novos e valorosos crentes foram acrescentados à Igreja, tendo cerca de vinte dos visitantes presentes vindo à

frente em resposta ao apelo final em vista da sua aceitação pessoal de Cristo.

Agradecemos ao Ir. Francisco Caetano pelas suas mensagens, e a Deus tudo o que Ele tem feito pelo Seu povo aqui e em toda a Terra.

No dia 29 de Maio, a igreja de Avintes juntou-se à de Oliveira do Douro para, com sempre renovada alegria, ver descer às águas baptismas seis jovens daquela igreja com mais uma jovem da igreja local.

Com emoção os entregámos ao Senhor, tomando a liberdade de destacar um desses jovens, com 23 anos, que depois de uma renovação do seu coração, não quis deixar de baixar às águas simbólicas, apesar de praticamente não possuir membros inferiores. O seu baptismo foi um testemunho de fé.

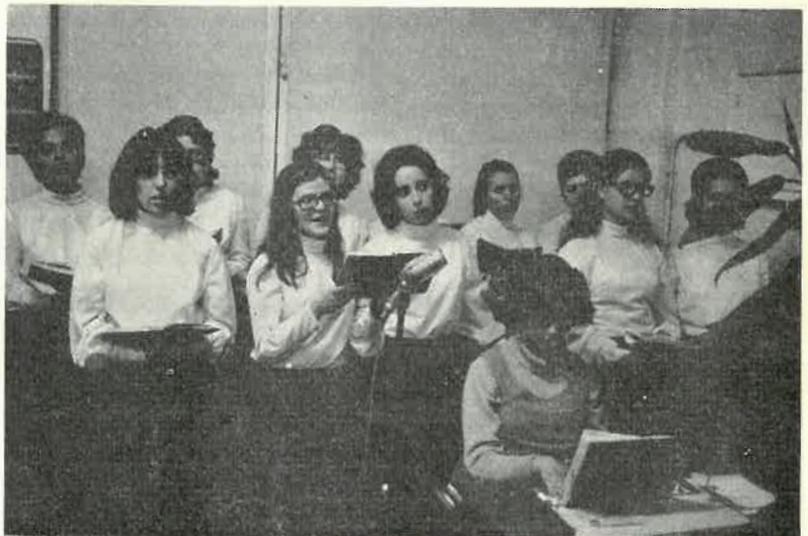
Estamos muito agradecidos a Deus e a todos os «missionários» destas duas igrejas por termos ter agregado ao exército de Cristo 27 novos soldados da cruz neste cinco primeiros meses do ano.

Cerimónias nupciais

Pelas 12 horas do dia 18 de Janeiro do corrente ano realizou-se no templo adventista de Oliveira do Douro o enlace sagrado dos nossos jovens crentes Alzira Pereira e Artur Amaral.

Idêntica cerimónia teve lugar às 12,30 horas, no mesmo templo, a 2 de Maio. Uniram-se desta vez pelos sagrados laços matrimoniais os nossos jovens irmãos na fé Júlia Marques e Almeno Magalhães.

Ainda, e no mesmo local, celebrou-se a 6 de Junho o casamento dos nossos jovens mem-



O coro feminino de General Roçadas



Alguns dos novos membros de Oliveira do Douro e Avintes

bros Ana Maria Sousa e José Rocha Mendes.

Desejamos agradecer ao Pastor Fernando Mendes a sua colaboração, pois em todas estas cerimónias foi ele o oficiante.

Daqui endereçamos a estes novos lares os votos das maiores bênçãos celestiais.

Aguardando a ressurreição

No dia 21 de Maio cumprimos o doloroso dever de acompanhar ao «lugar do silêncio» aquela que foi nossa irmã na fé, Ermelinda Nogueira de Freitas, que com a bela idade de 87 anos adormeceu no Senhor.

Quer em casa, quer no cemitério em Avintes, muitos foram os familiares, os membros das duas igrejas e os amigos que puderam participar da cerimónia fúnebre e escutar a mensagem da ressurreição e vida eterna, bem assim como o apelo para um viver conseqüente nesta terra.

A família enlutada renovamos as nossas sentidas condolências.

Unidos convosco na Esperança e no Serviço pelo trabalho e oração, vos saudamos com muita amizade em Cristo.

Walter Miguel

COMENDA

Conforme foi determinado para todas as nossas congregações, foi também levada a efeito na nossa pequena Igreja da Comenda, «a Campanha de Evangelização» por uma semana, que esteve a cargo do Pastor F. Esperancinha, da Igreja de Almada.

Achamos ser esta uma boa iniciativa como um bom contributo para a expansão da Obra de Deus no tempo presente — assim está demonstrando a experiência

— porque dá sempre resultado este intercâmbio de um pastor de fora ir pregar, acidentalmente, a uma igreja do pastor local, pois que o público ocorre com mais facilidade, quando sabe que outro pastor vai realizar reuniões públicas. Acontece também que o próprio obreiro nomeado é estimulado por um certo espírito de entusiasmo por ter saído da rotina habitual e ir a um novo ambiente, que se apresenta atento e interessado para ouvir o novo pregador.

Isso aconteceu, conseqüentemente, na Comenda. O público ocorreu mais notavelmente do que era habitual à nossa Igreja.

Os sermões do Pastor Filipe Esperancinha agradaram tanto aos Irmãos como ao público. Nós, pessoalmente, apreciámos o seu plano sistematizado dos nove dias, que englobou os temas principais da Mensagem de Deus para a nossa época, assim como o modo como foram apresentadas, as suas pregações espontâneas, apologéticas, práticas, directas, ilustrativas e em linguagem acessível à mentalidade do nosso público local.

No final da última reunião, expusemos pessoalmente que aquela série de reuniões terminava naquele dia quanto ao serem diárias, mas que continuariam uma vez por semana com o mesmo objectivo de Deus querer dar-nos e alimentar-nos com o «Remédio» legítimo que nos liberta dos nossos males, o qual o Pastor Esperancinha já havia apresentado nos seus tópicos sumariados. E por isso eram convidados para continuar a vir às reuniões.

Na reunião seguinte veio um bom número de pessoas. Procurámos fazer uma breve recapitulação do grande Remédio de

Deus de que todo o ser humano necessita. Em verdade ninguém pode dizer que não precisa de tomar tal «Medicamento» e viver por ele. O Médico Divino bem sabe que toda a gente precisa de o tomar e alimentar-se dele regularmente, que é a única terapêutica eficaz para a vida humana, que a liberta dos males que a indignificam, a descontrolam e a afligem, mediante um novo género de vida humana individual, instituído e revelado por Deus.

Depois destas considerações apresentadas à assistência, e tendo na mente que é o Espírito Santo que desperta as pessoas depois dos sermões dos pregadores, a grande dificuldade está em que as massas humanas na sua grande maioria, não possuem a respectiva receptividade porque não amam a verdade e por isso possuem o espírito do erro (II Tes. 2:10, 11), devendo reconhecer que muitas vezes também somos fracos pregadores.

Em seguida fiz a seguinte pergunta: quando uma pessoa está doente e vai ao médico, ele passa uma receita do que ela deve tomar. Porventura tal pessoa precisa de sentir primeiro alguma necessidade, inclinação, desejo ou vontade própria para o fazer? Certamente que não; toma o remédio porque sabe que o deve fazer para se poder tratar e não porque sinta de si mesmo impulso próprio para o fazer.

É precisamente o que se passa com o Remédio de Deus. É necessário toma-lo e viver por ele, porque é Deus que o diz para nos curar dos nossos males. Vêm depois os resultados benéficos. Manifestar-se-á uma nova e salutar vida de paz dentro de vós que até então não conhecíeis, porque o Espírito de Cristo habitará convosco, e sereis um bem para o vosso lar, e um bom exemplo para o vosso próximo.

Ao terminar estas notícias, rogamos a Deus sabedoria e poder, assim como união no mesmo Espírito revelado por Jesus Cristo, para que gostosamente cumpramos a missão que Ele outorgou à Sua Igreja.

Vosso dedicado,

Jerónimo Falcão

CASCAIS

Publicamos a seguir o testemunho que, a nosso pedido, escreveu o Ir. António de Brito Morais acerca da maneira como conseguiu o Sábado na fábrica onde trabalha.

Certo dia, ao ter conhecimento da Lei de Deus, vi que andava em perfeita transgressão, sobretudo



Barreiro — Oito membros recém-baptizados orando com o Pastor E. Rodríguez

no que dizia respeito ao quarto mandamento.

Sabia que Deus me amava e que, embora fosse difícil, não me seria impossível guardar o Sábado.

Na fábrica onde trabalho há de cinquenta a setenta operários e era difícil o patrão dar-me o Sábado só a mim. Passaram-se uns quatro a seis meses, e eu sem ir trabalhar as três horas e meia que deviam ser feitas ao Sábado. Na segunda feira seguinte justificava sempre a falta, até que um dia me enchi de coragem e fui falar com o patrão, pedindo-lhe que me dispensasse, ainda que fosse preciso trabalhar horas suplementares para compensar as daquele dia.

Ele respondeu-me bastante irado, dizendo-me que o Sábado era para os judeus. Com calma, retorqui-lhe que os judeus eram seres humanos como nós e que o Sábado tinha sido dado não só para os judeus mas para todos os homens.

Como nada tivesse ficado resolvido, continuei a faltar aos Sábados, até que um belo dia de Verão eu e alguns colegas encontramos o patrão na praia, onde estivemos cerca de uma a duas horas a falar sobre o assunto do Sábado.

E eu mantive firme a minha opinião de que estava disposto a procurar outra casa em que me dessem o Sábado.

Passadas algumas semanas, o patrão chamou-me ao escritório e disse-me que o tinha vencido e que ia dar o Sábado a todos os empregados.

Agradei-lhe e nesse mesmo momento agradei também ao Senhor por ter atendido ao meu pedido.

Passado algum tempo baptizei-me e aqui estou mais confiante do que nunca no poder de Deus.

António de Brito Moraes

BARREIRO E BAIXA DA BANHEIRA

Teve lugar em nossa igreja, mais uma campanha de reavivamento realizada de 5 a 14 de Março, durante a qual tivemos o privilégio de ouvir, nos cultos da noite, excelentes mensagens pregadas pelo pastor Eugénio Rodríguez.

Também se efectuaram reuniões pela manhã, às 7 horas, com lições objectivas do plano da salvação baseadas no Santuário israelita e seus serviços típicos.

Estas maravilhosas lições, ensinadas também pelo pastor Eugénio, foram muito apreciadas por todos quantos as escutaram.

No último dia da campanha, e com numerosa assistência, teve lugar uma bela cerimónia baptismal durante a qual oito almas selaram o seu pacto com Deus pelo baptismo.

Destes novos irmãos, três são de Alhos Vedros, onde temos um simpático grupo de crentes que para consigo: como posso eu visitamos semanalmente, às quintas-feiras, e cinco pertencem à igreja da Baixa da Banheira.

Estamos muito gratos a Deus pelas muitas bênçãos que nos tem concedido.

Creemos de todo o coração que o Senhor tem ainda muito mais para nos dar.

Que o Seu nome seja louvado. «Louvai ao Senhor, porque Ele é bom; porque a sua benignidade é para sempre.» Salmo 107:1.

Arnaldo Borges

Aguardando a ressurreição

Após doloroso e prolongado sofrimento, adormeceu no Senhor com a idade de 24 anos, a nossa querida jovem Maria Inês Baptista Pereira, obreira nos escritórios da União.

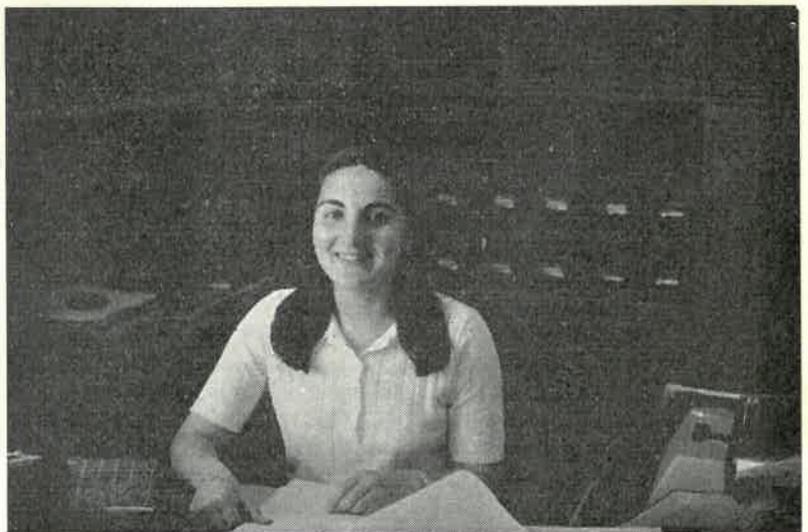
Apesar de muito doente permaneceu sempre corajosa e confiante no Senhor.

Toda a igreja sentiu muito a sua morte e particularmente seus pais, irmã e mais família a quem testemunhamos toda a nossa simpatia, pedindo ao Senhor que lhes conceda o conforto das promessas da Sua Palavra.

Motivo de consolação tem sido para nós o testemunho dado por sua mãe, a nossa querida irmã Palmira Pereira, que apesar da sua dor ainda confortava as pessoas com a esperança de muito em breve rever a sua filha na gloriosa manhã de ressurreição.

A todos os familiares enlutados aqui deixamos expresso o nosso sentimento de pesar e também de esperança.

Arnaldo Borges



Maria Inês Baptista Pereira

A BENÇÃO DAS REUNIÕES DE ORAÇÃO

(Continuação da pág. 1)

preparados com alguma experiência pessoal para partilhar com os seus irmãos e irmãs. Digam o que Jesus significa para eles, como tem respondido às suas orações, e lhes tem concedido vitórias sobre os seus pecados pela Sua graça.

Finalmente o Sr. Cuyler sugere que a reunião de oração deve ser alegre. Ninguém vai à reunião de oração para acrescentar novos fardos e desânimos ao seu próprio fardo, mas para se sentir aliviado. Não assistimos para nos falarem da dificuldade do caminho, mas do avanço possível por Jesus Cristo. Os cristãos deviam «regozijar-se no Senhor» nas reuniões de oração.

A obtenção de bênçãos na reunião de oração requer mais do que desejo passivo. Exige que ponhamos de lado os pecados e o egoísmo. Pressupõe uma abertura do coração e da alma ao Espírito Santo. Significa tornar o coração receptivo às bênçãos de Deus, e significa um desejo de contribuir com algo para ajudar a resolver as necessidades dos outros.

T. A. Davis

COMER ENTRE AS REFEIÇÕES

(Continuação da pág. 7)

refeições é um pecado contra o nosso corpo, contra «o templo do Espírito Santo.»

Provavelmente o segredo da regularidade das refeições reside em ter um bom pequeno almoço. Quando a refeição da manhã é omitida há a tendência de ter fome antes do meio-dia, e daí recorrer ao «snack». O «snack» diminui o apetite para o almoço, faz comer menos, e não muito depois volta a haver o apetite, sempre fora de horas. Assim parece ser a solução tomar um «snack» durante a tarde. Como então não há apetite às seis horas, o jantar é retardado para depois, com as consequências que estão à vista.

Na base de uma vida sadia, feliz e abundante está a prática de comer regularmente, comedidamente, sossegadamente, mas nunca entre as refeições. Sede bons para com o vosso estômago e o vosso estômago será bom para convosco. Tratai-o bem, dai-lhe o descanso de que necessita, não o sobrecarregueis, e servir-vos-á bem.

AGENDA ADVENTISTA

Agosto de 1971

CALENDÁRIO DA IGREJA

Dias

7 — Evangelismo em Novos Territórios

7 — Oferta para as Actividades Leigas da Igreja

TABELAS DO PÔR-DÔ-SOL

| Dias | Lisboa | Funchal | P. Delgada |
|------|--------|---------|------------|
| 6 | 20.43 | 19.02 | 19.54 |
| 13 | 20.35 | 18.55 | 19.46 |
| 20 | 20.26 | 18.48 | 19.37 |
| 27 | 20.16 | 18.39 | 19.28 |

DEVOÇÃO MATINAL

| | |
|---------------------------|--|
| Dom. 1 — Mar. 15:25 | — Vemos Cristo na Cruz |
| Seg. 2 — João 12:32 | — Todos os homens são atraídos para o Salvador ressuscitado |
| Ter. 3 — Núm. 21:9 | — Todos os que olharem para a cruz viverão |
| Qua. 4 — João 8:28 | — O Filho do homem deve ser levantado |
| Qui. 5 — 1 Ped. 1:18, 19 | — Remidos pelo sangue precioso de Cristo |
| Sex. 6 — 1 João 1:7 | — Purificados pelo sangue de Cristo |
| Sáb. 7 — Rom. 5:11 | — Recebemos expiação pelo sangue de Cristo |
| Dom. 8 — Rom. 5:8, 9 | — Somos justificados pelo sangue de Cristo |
| Seg. 9 — Heb. 10:19, 20 | — Pelo sangue, os filhos dos homens tornam-se filhos de Deus |
| Ter. 10 — Rom. 5:10 | — Reconciliados com Deus através da morte de Cristo |
| Qua. 11 — 2 Reis 13:14-20 | — Carro de fogo |
| Qui. 12 — Gál. 6:14 | — Devemo-nos gloriar apenas na cruz |
| Sex. 13 — 1 Cor. 3:20, 21 | — Não nos devemos gloriar nos homens |
| Sáb. 14 — Jer. 9:23 | — Não nos devemos gloriar na sabedoria do mundo |
| Dom. 15 — Jer. 9:23 | — Não nos devemos gloriar nas riquezas |
| Seg. 16 — Jer. 9:24 | — Não nos devemos gloriar em nós próprios |
| Ter. 17 — 1 Ped. 4:11 | — Não nos devemos gloriar no talento ou na influência |
| Qua. 18 — João 11:25, 26 | — Gloriamo-nos na ressurreição de Cristo |
| Qui. 19 — 2 Cor. 9:15 | — Agradecemos a Deus pelo Seu dom inestimável |
| Sex. 20 — Heb. 7:25 | — Só por Cristo vamos ao Pai |
| Sáb. 21 — Oseias 14:9 | — A cruz possibilita guardar a lei de Deus |
| Dom. 22 — Sal. 92:4 | — A cruz ajuda-nos a compreender a natureza |
| Seg. 23 — Fil. 2:8 | — Cristo suportou a cruz por nós |
| Ter. 24 — Sal. 85:10 | — A misericórdia e a justiça encontram-se na cruz |
| Qua. 25 — Col. 2:15 | — A cruz desmascara o governo de Satanás |
| Qui. 26 — Luc. 9:23 | — Devemos tomar a nossa cruz diariamente |
| Sex. 27 — Gál. 2:20 | — Tomamos a cruz e negamo-nos a nós próprios |
| Sáb. 28 — João 10:27 | — Tomamos a cruz e seguimos a Cristo |
| Dom. 29 — Mat. 10:38 | — Se abandonamos a cruz perdemos a vida eterna |
| Seg. 30 — Mat. 27:32 | — A cruz de Simão trouxe-lhe a conversão |
| Ter. 31 — Luc. 23:42 | — O ladrão aceita a Cristo como Salvador |

ANO BÍBLICO
Isaías 34 a Ezequiel 13

A VISÃO IREPETIDA QUE REVELAVA PECADOS SECRETOS

por Arthur L. White

A irmã White não sabia o que fazer. A cerca de sessenta quilómetros de Oswego, Nova Iorque, onde a família White vivia no inverno de 1849-1850, ficava a cidade de Camden. Em Camden havia um pequeno grupo de Adventistas que guardava o Sábado e a família White decidiu ir passar o Sábado com estes crentes.

Um ou dois dias antes de empreenderem a viagem, a irmã White viu em visão o pequeno grupo que iam visitar e entre essas pessoas viu uma mulher que aparentava grande santidade. Mas na visão a irmã White viu que essa mulher estava a enganar o povo e era culpada de muitos pecados.

Quando o Pastor White e sua esposa chegaram a Camden naquela manhã de Sábado, encontraram um bom grupo reunido. Mas a irmã White não viu a mulher que esperava encontrar ali, aquela que lhe tinha sido mostrada em visão. Porém pouco depois, a porta abriu-se e a senhora em questão entrou com o marido. A irmã White viu logo de quem se tratava.

Durante a reunião essa mulher deu o seu testemunho, tomando bastante tempo para falar. Disse que tinha um amor perfeito, e que desfrutava da santidade de coração. Acrescentou que não estava a passar por dificuldades ou tentações, mas que era possuidora de uma perfeita paz.

O que mais inquietava a irmã White era o facto da maioria das pessoas ali presentes, estranhos para ela, parecerem ter confiança nesta mulher. Ela receava transmitir o que Deus lhe tinha revelado, pois as pessoas, que tinham confiança naquela senhora, não acreditariam na visão nem na mensagem de advertência.

Assim a irmã White fez discretamente algumas perguntas aos que a rodeavam, acerca da senhora que parecia ser uma crente muito zelosa.

Na manhã seguinte houve uma reunião, e a irmã White ainda não sabia o que havia de fazer. Durante a reunião de oração foi de novo tomada em visão, e de novo lhe foi mostrado o caso dessa mulher. Ela viu a atitude de desaprovação de Jesus para com a senhora e o seu marido, porque o coração dela estava cheio de corrupção.

A irmã White só tinha uma coisa a fazer. Após a visão pôs-se de pé e revelou aos que a rodeavam o que lhe tinha sido mostrado. Interrogou-se contudo a si mesma na dúvida se as pessoas creriam no seu testemunho.

Chegou o momento daquela mulher se levantar e falar. Não fez confissão de qualquer espécie, mas disse resolutamente: «Estou feliz porque o Senhor conhece o meu coração. Ele sabe que O amo.» Disse que sabia que o Senhor cuidaria dela, e que desejava que o seu coração fosse aberto para que todos o pudessem ver.

Tal como a irmã White receava, muitas das pessoas simpatizaram com a mulher e não estavam de modo algum certas de que Deus tinha enviado as visões. Os vizinhos disseram que a irmã White tinha abusado da pobre mulher.

Mas não muito depois desta reunião ter lugar, apoderou-se daquela mulher um temor, e ela começou a confessar. Foi de casa em casa e revelou que o homem com quem vivia não era o seu marido. Ela tinha um marido e um filho na Inglaterra, mas tinha fugido deles. Ela tinha estado a vender mezinhas e passava por ter conhecimento médico. Agora confessava que também neste ponto tinha sido desonesta. Ela andou mais de sessenta quilómetros para confessar a uma pessoa que tinha procedido mal.

Agora toda a gente compreendia que Deus tinha na verdade enviado as visões à irmã White, revelando-lhe segredos que os outros desconheciam. Esta mulher, que falsamente professava a santidade e a pureza de coração, foi denunciada. As pessoas que até ali punham em dúvida as visões sentiam-se felizes por se lhes ter deparado esta forte evidência que as ajudara a crer. (Esta história baseia-se no livro *«Spiritual Gifts»*, vol. 2, págs. 124-127 e em J. N. Loughborough na *Review and Herald*, 24 de Março de 1885, pág. 185).

«Não é nosso número nem riquezas que nos darão assinalada vitória; é antes o devotamento à obra, a coragem moral, amor ardente pelas almas e infatigável e incessante zelo.»

Testemunhos Selectos, vol. 1, pág. 384.